

Anno 16\$000
Semestre 9\$000
Trimestre 5\$000

Anno 20\$000
Semestre 11\$000
Trimestre 6\$000

Escriptorio: 70, Rua do Ouvidor 70.

ANNO VII

RIO DE JANEIRO, 18 DE SETEMBRO DE 1875

N. 314

EXCEPCION

Agradecemos a oferta de exemplares das seguintes publicações:

A' Exma Sra D. Guilhermina de Antabaja Neves —Estrelinhas sobre os deveres de cidadão, livro destinado ao estudo da periferia brasileira de ambos os sexes. Parce nos muito proprio para o fim a que se destina.

Ao Sr D. Manuel Fernandes e Sôler —Memorias sobre las Oebras Publicas del Brasil, original trabalho, traduzido do livro publicado pelo nosso governo, com o titulo O Brasil na Exposição de 1874.

Ao O. Or. do Brazil —O seu Boletim, numero pertencente ao mes de Agosto.

Ao Sr José Maria do Castro —Relatorio da Imperial Sociedade Uniao Beneficente, de que é presidente, e que todos os dias presta novos servicos a seus interessados.

Sr Julio Noronha. —As suas massantissimas poesias tão nos servido de modelo; quando em vez algum eccellente pedinte lhe para as lras; é homem que nos deixa eis paiz para sempre.

Sr M. N. —Estã o Sr cagnado, não nos vendemos por tão pouco. Junta ao seu esteto de lenhitas; mais alguma coisa, e então... agrade.

A annualidade dos Bispos

Ainda não estamos em nós da surpresa com que recebemos a noticia da annualidade dos bispos rebeldes da lra do paiz.

Quando todos julgavam que o ministerio de Sr. Rio Branco havia precedido na questao religiosa do accordo com a episcopia publica e com a episcopia da corte, em vno ministerio, consular como aquelle, sustentando a mesma bandeira politica, declarar que o ministerio passado havia errado deastruamente, e que a corte reflectido sobre o caso dava o dito por não dito, calculo de joshua aos pés do Saneado Padre, e pedindo-lhe perdoas das suas doutrinas desviadas.

Isto é contraditório, e politicamente fallando, de uma immoralidade sem qualificação.

Aranjamos as encasuras das caras dos ultramontanos que nos entregam mantidos no absolutismo de Roma. Aranjamos as nossas proprias manacas e digamos a verdade, que nos saita da consciencia, era a virilidade de vnos vnos desesborado para a civilização e para o futuro, sem se importar com as pequenas miserias politicas que envolvem a nossa patria.

Antes de tudo o Brazil é uma nação da America, nascida para todas as liberdades, e unicas que podem assegurar a nos pais todos os progressos da civilização.

Não é aqui, pois, o terreno mais proprio para cultivar as ferrenhas doutrinas do jesuitismo, cuja propaganda vai muito adiantada, e cujos triumphos matam a nossa prosperidade e aliam a nossa massa a outros aspirações.

Diante da attitudo do Brazil, que castigava os bispos rebeldes, levantara-se a Europa entusiasticamente, applaudindo-o e aprendendo a'vte grande exemplo a conquistar para si as liberdades que não pôde conseguir no decurso de milites seculos.

Os espiritos encontravam-se do outro lado do atlantico uma luz que os guiava e lhes illuminava o caminho.

Eramos nós, que logicos na nossa missão, havimos levado a liberdade ao Paraguay, terra em que o jesuitismo plantou a arvore do fanatismo e da ignorancia, e que, quando nos julgavam a descauzar sobre os leitos do triumpho, fomos reconquerar novas batalhas na conquista da ltoferia liberdade das nossas consciencias.

E a Europa começava a sentir por nós um grande respeito e a admirar o nosso valor.

Só o Vaticano nos odiava e repelliã; só a nós odiava e repelliã todos os países que se arrimavam com coragem e grande-falma na carreira da civilização.

Mas de um momento para o outro, o lido que se erguera tão alto, cahia despedaçado no chão, e nós ficamos como sua

luttolentes cobertos de ridiculo, olhando para os destroços do monumento, e acovardando-nos humilhante poçoja as criticas galeghes do mundo que nos observa.

Inte é contraditório e immoral.

Procurar os bispos e prendel-os, collocando-se paiz na attitudo de quem diz aos adversarios —havemos de ver quem vence! — e depois, quando elles não tinham ainda colido uma pedregal de terreno, ir entregar-se-lhes á descripção, com as suas encanilhadas e com a petrejo como um condemnado ao patibulo, ou vestido de careca e sambento, com uma condemnada la figurina da iniquição, — é revoltante, é indigno e simplesmente covarde.

Os criminosos sobre os quaes péa uma sentença do Supremo Tribunal de Justiça podem ser amaldiçoados pelo governo ou pela corte; mas não podem ser perdoados, porque o paiz que no mesmo ter o direito de dizer em sua defesa perante o mundo e perante a historia: o jesuitismo invalida os apogonios imperiaes e patria com os representantes da santa iniquição emagada sa consciencias da povo.

Pôde trizidar ao som de requises de sinos e de girandola de foguetes a imprensa ultramontana sobre os nossos craxos, entregando a sua lra pelo poder dos jesuitas á rote corte.

O seu triumpho é modesto, é insignificante, é unico talvez.

Os S. Bartholomeu manifestam-se agora de modos diferentes, mas os resultados identicos.

A cabeça do turco

Alguns vez teriamos do Jornal de Commercio.

Um lra, antes de ir para a grelha, não apavata tanta bondade, como o nosso collega gromos no parlamento das cam, dezimatos ou mil liangas de Sr. Diogo de Vasconcellos! Don-de-lhe com alma o illustre deputado! Dusa em tres ouvas mais, como esta, pica o Jornal de Commercio na impossibilidade de entrar no dique para lhe visitarmos a fundão!

O que agrava consideravelmente a magoa da tranda que ella levou, é o ter ainda de a pôr em exposição nas proprias columnas da folha.

O Jornal independente, o incolor, o colosso da Republica da imprensa fluminense concede, por descauzo contos de réis nosmos, dizeio a qualquer se o descompor o rochar a lara, sem sequer ter o direito de reservar-se o refrigerio de vir a lra succindir os saldos do lodo com o se esjar.

Ora, verdade seja dita, a posição do Jornal na questão vertente é por demais critica e embarras; mas se attentarmos a que qualquer desgraçado, que por ali encontramos, se pretava a levar sóas tlo monumentos como aquella, por descauzo mil réis em lugar de descauzo contos, não se pôde dizer de covir que o papel que o Jornal desempenha é largo e generosamente pago.

Porque, por fim de contas, logo que a grata tem cauzado para entrar em ajuetes de prep pro que não lido de ir ao lombo, tanto faz levar muito pouco, a questão é de se não se paga bem!

E ter paciencia o Jornal de Commercio! Não consenta em allimar a sua liberdade e independencia para outra nação! O descauzo contos de réis vem todos os meses; as sóas de um ano em outro!

Mas, vamos e vamos, o illustre deputado nem sempre foi fãto nas suas acras e exculvas comuras.

E por demais conhecido o sstro antigo, e inveterado em todos os Jornais da eloquencia, acurar a imprensa do seculo por ella não elevar o nível moral e intellectual da sociedade, e aburguesando clamar que é a imprensa que deve condizer o pensamento dos contemporaneos, e modelar a sociedade a seu bello praxer, como qualquer escriptor clama no maracore era a figura de um atyvo, ora a de um S. Antonio de Paula.

Tudo isto são puras theorias de visionarios, e que seves apenas para machucar o estylo á feira da eloquencia. A firma e a essencia da litteratura é o reflexo das ideias do seculo em que ella vive, e não é zuma a litteratura que imprime a physiognomia á sociedade de quem recebe o acovilhamento, e de quem depende para se poder sustentar.

O livro e o jornal, não é uma coisa; mas sim, uma realidade.

O publico dá o thema e o aliamis ao livro. O escriptor escreve-lhe as variáveis!

A magoa que tanto inflamma a bilis do sobre deputado Diogo de Vasconcellos, é o fructo inevitavel de uma lei de imprensa aversiva, incompleta e anachronica que nos regre — é pouco vnosca ende todos mordem, quer creverendo — que simplesmente lendo — é usal que o governo muitas vezes privilegia — que o leitor prefere a tudo — é uma calamidade a que os mais probos não se sabem esquivar — e enfermidade que contaminou não só a nós como aos que se nos apressam.

Deste monumento para o qual grande numero de individuos lança a sua pedralhada, só o Jornal de Commercio lhe come o fructo.

E ali que bate o ponto! Mas perguntamos ao Sr. Vasconcellos: se a mellos propria premissa sobre acauzos nos outros Jornaes, recebê-la-hiam de braços abertos?

Parece-as que sim.

Logo, o Jornal de Commercio encbe as suas columnas de repagamentos moftias. — 1º por que se escrevem — 2º por que se lêm — 3º por que a lei as permite e 4º por que ninguém procura outro Jorنال para esse fim.

Desde que lha uma lei que permite que se encarregue um miseravel qualqure de roobar na cara os vergalhões do apote que deviam corrigir as nossas incoherencias, a expurgado da moftia pelo Jornal de Commercio é um direito incontestavel.

Diz tambem o illustre deputado o Sr. Diogo de Vasconcellos, que não ha por ali ninguém que deva a sua posição social de columnas do Jornal gáguas.

Em primeiro lugar parece-nos conveniente ir desde já dizendo que a imprensa não se instituiu unicamente para servir de paliativo aos pagapagos que querem fazer carreira literaria. Para isso lá tão a camara legislativa.

Em segundo lugar se o Jornal de Commercio não tem formado-jornal illustres nas sciencias e nas letras, — fazem falta de não dizer as qualqure outro jornal novo e tem conseguido.

A Republica? O Globo? O Diario de Rio? A Reforma?

Todas estas tão fãto mesmo; se que tãto fãto tanto! Por outro lado o illustre deputado acha verdadeiramente absothico que na mesma folha se imprimam juntos os castos e pufidões discursos dos Srs. deputados e as moftias ratermas de joshua lido. Basta sobre se muitas vezes no parlamento não tem haidado a linguagem no nível de uma moftia escripta e coarada.

Quando houvevesse mesmo um abismo insondavel que distanciasse a alia da baixa litteratura, não era por se aliegrarem só o mesmo texto que o estylo fãdalo da camara se descauzotava, mas os arminhos aristocraticos da discussão legislativa se machucavam com a vianhãça da linguagem de burla da arraa miã!

No templo do Deus e no theatro epistolares se e sustem os, repando-se de preto, a mesallia e a cupras virtuosas — lucrando comersanteo e o cavalheiro de industria; e mais assim com a virtude e a honestidade são um legislador que tornam sem prigo todos os contactos; assim tambem o freio e a dignidade da linguagem da la de separar um discurso de um representante da nação da moftia de uma registera de mercades.

O Jornal tem muitas e graves culpas, será mesmo uma litteratura de taboaca; e mas é tão primario indagar se a litteratura não tem fornecido acuta a mesma absothica poftia, ou se n'aquella taboaca unicas promissas não tão despejado o copo.

ARRAJO RIVARO.

O Apostolo e os Lazarillos

Anda feruido e Apollido porque alguns Jornaes consagram sermãoes ao nosso Conciencioso Dramatico por haver publicado com a lra Resolucionaria, não hoidando o magifico drama — O Lazarillo — a fim de ser representado.

Nun artigo do seu ultimo numero solta uma grunhidos clorida, que deve levar a confusão e o desconforto á Actualidade de Lisboa, por isso que lhe diz em tão achavachado e rotundo como o diabo do diabo da primeira das clidas folhas: — Quem usanda em nossa casa somos nós, e cada um que usanda na sua.

Não é necessario ter grande peripetacia para ver logo que tratamos com joshua á rote fãto, e que cultivar ainda em



(Antes do artigo)
O porco triste.



Os senhores pediram feliçidade de grande des-
pesas com o custo realçado. E a festa
terminou sem mais de grande momento.



A parte chorosa que a terra do país
neste seu assustamento se os meus
olhos e sentimentos.



Comprei por aqui não está
implantado o porco.



mas fêmea o vencedor de amadure.



Então, porém, comoveu
esta festa maldade?



Disseram-me de ser coherentes sem a que
se fizesse respeito de dizer sobre mais de um lado con-
flicto entre a Igreja e o Estado.



Se não resistissemos ao
Francisco de S. J. J.



Logo a respeito de
pessoas não a saúde
deixar.



Logo que a situação
com as idéias nacionais
mas não podemos
procurar de se fazer.



Como não se
satisfeitos alguns.



O governo tenta se matar por um caminho sem saída.



Quão seria útil, porém,
tudo o que se move das nossas gestões.



removendo intrinsecamente mais ou
menos...



revisando para recorrer a outros mais
violento ajuda.



Como a vida e uma orientação aqui
se materialmente a sua e o corpo
juntos.



O Estado como que estende mão de
omigo a Igreja.



e esta não poderia repelli-la.



Tudo isso inda a crer que o nome os
meses breves que se os apressar...



e esperamos que sejam estes profissões na
na o estabelecimento de harmonia entre
os seus poderes.



Restituição a Igreja de suas dioceses
nada inovadora formalmente.



decretos não foram a Igreja sem mais
formalmente os interesses mas...



da sua prudência se pode esperar
que não suprima o estado de coisas



Seguir se não fosse umas como
crianças...



durante os planos se poderia chegar a
um acordo...



em alguma coisa se espera de se-
mestade e forma. E a saúde fo-
se poderia obter.



Talando da Igreja este estado não quis-
mas inovar? Mas haja forma e seja gra-
mas esperanças e a saúde credida, mas que
nem fêmea contra suas relações com as



sem a grande maneira de clore mas
lucro se trouxer parte si de.



Esperamos, porém, não se levan-
te a correr de acontecimentos. Logo
há de incluir a separação de Igreja.



Depois do artigo. O porco alegre.

A QUESTÃO RELIGIOSA



Final... deu a mão à palmatoria!

meado d'esta século a escuridão, como nós cultivamos o trabalho honesto.

O *Apóstolo* tem entrado pela politica dos outros países, como nós por nossa casa, confrontando contra Bismarck, contra Victor Emmanuel, contra o Marquez de Pombal, contra a Magistaria da Italia, e emfim contra todas as instituições e todos os homens do estrangeiro, que não seguem os seus principios religiosos, e pelo contrario dirigem o movimento civilizador do mundo.

Tem fallado de todos, e agora, com a cara de um santo mal trabalhado, vos diz que cada qual em sua casa tem o direito de fazer o que quiser, sem dar satisfação a ninguém.

Engana-se o *Apóstolo* redondamente.

Ha factos que pertencem ao dominio da historia e não ao dominio das sacristias. A obra da civilização é de todos que trabalham n'ella.

Quando a Real Academia de Lisboa, a imprensa da Academia Real das Sciencias, de Lisboa, a imprensa da Europa revoltou-se contra isso e creverem nos porticos do edificio—Academia Real dos Jesuitas.

A imprensa do proprio país guiava a imprensa estrangeira para lhe mostrar dous vias o cheiro nauseabundo das consciencias apodreadas.

E algumas se lembrou então de dizer: alto lá! cada qual governa em sua casa.

Nem o *Ben Publico* o disse, o *Ben Publico*, que o jornal do *Apóstolo* é o primeiro jornal da Europa, e por conseguinte o que marcha á frente da civilização. Como te chamariam *Ben Publico*! a ti, que apenas tira 100 exemplares para distribuir de seguinte modo:

- 50 aos padres.
- 10 aos estudantes.
- 15 de bestas.
- 9 á Associação Catholica.
- 6 aos gatos-pingados.
- 5 á Academia Real das Sciencias.
- 32 ao Seminario de Braga.
- 2 aos Meninos do Céu.
- 1 ao *Apóstolo*, em troca.

100

O *Ben Publico* considerado... ah! ah! ah!... só com isto o *Apóstolo* nos fazia vir a boa tripa.

Depois d'esta apeloção tem a direito de guardar com a sua extraordinaria e monstruosa personalidade o Conservatorio Dramatico dos botes de toda a imprensa liberal do mundo.

Faz muito bem. Mas elle—e isto sem querer retratado—que foi elle quem licencios o *Apóstolo* do Mal, reintroduz-o ultimamente.

Vozes a questão da *Actualidade*, de Lisboa, e o *Apóstolo* sobre a lingua usada no drama—*Os Lauréados*, para poder ser representado nos nossos theatros.

Diz a primeira d'aquellas folhas que o drama é lindissimo, bem escrito, e applaudido por platéas illustradas. A segunda diz que elle é um amonhado de studicos, sem estylo, sem moral, sem costume, e não nos lembramos se disse até sem grammatica.

Vigiamos a opinião do Conservatorio.

O Sr. Dr. Felix Martins e Victorino do Barros foram unimes em que o drama estava primeiramente escripto, e que o julgavam digno de ser representado, não havendo n'elle para cortar ou alterar a mais pequena phrase.

O Sr. Maciaco d'Assis, por cujo talento tanta maxima admiração, leu o drama e ao fim não disse—sim—nem disse—não—Procurar a posição do fel da balança e ali se equilibrar, succedendo uma vela a Deus e outra ao diabo.

O Sr. Tamayo, o auctor festejado da—*Retirada de Laguna*, votou de uma maneira absoluta contra a representação. O porque não sabemos, mas votou.

Restava o presidente do Conservatorio, o Sr. conselheiro Cardozo Menezes.

Em sua opinião la cortar todas as duvidas e hesitações, e... cortar, segundo a lingua pedida.

O presidente é o unico que tem voto n'aquella mesma sessão. E' um rei, em posto pequeno, do systema absoluto, d'aquella em que queridos dos *Apóstolo* e dos *Ben Publicos*.

A proposito d'esta resolução do Sr. conselheiro Cardozo Menezes, conta se por ahí de bocca em bocca que a determinação motivo intrinsecamente particular. As candidaturas de candidaturas exerceram junto d'elles a sua influencia, e conta influencia, usando dos meios que lhes são peculiares, e de que sempre se não sahio bem.

Uma das coisas que o drama derrota com tanta habilidade é exactamente essa mesma influencia.

O drama foi vencido, não ha duvida, e guilhotinado pela propria reacção, antes que pudesse receber os applausos populares.

Não pido o *Apóstolo* admitir que os coladores da causa da liberdade de consciencia chorou sobre o tumulo das sanctuarias que morrem das mãos do inimigo, sem profereirem um grito e sem desaparecerem em tiro.

Em que ha noztes mais vergonhosas que as descrever! Reunir por um lado e os *Lauréados* pelo outro, lido de viver na mesma memoria ligados á idéa tristissima de que o jesuitismo começa a ramificar-se pela sociedade, e a engrossar as consciencias.

De Reman queriam que abjurasse as suas doutrinas, dos *Lauréados* que não combatesse o instituto de S. Vicente de Paula!

Como isto edificante.

Em toda e cada pedrinha as *Ben Publico*, o cheiro de elevador d'ora avante a sua tiragem a 101 exemplares.

Queremos presentar o Conservatorio com uma naufragata. Se elle é o primeiro jornal da Europa...

Não tarda a vir dizer-nos o *Ben Publico* que o primeiro jornal da América é o *Apóstolo*...

Pintam o padre estes delinquentes da igreja!

PENHO MALAS ARTES.

SALPICOS

Mas o que passa das uzeiras é o que estamos a ver agora.

Que seja offerecido ao telegraphico Sr. Capannaum um retrato a óleo, ainda se admitte. Não só lhe deve o municipio de Barra Mansa a introdução do ingrediente que faz d'elle o Ghingis-Khan das farrugas, como tambem a causa d'auscar, cheia de gratidão, o reconheço como o inventor de processos para aperfeiçoar o seu preparo.

Ainda assim, e vá isto com gotas de parthenisa, seria mais sensato offerecer-lhe, em vez do retrato, simplesmente o óleo, que, talvez, applicado ás molias das mechanicas telegraphicas...

Que se detem ao rol dos espedidos na questão do commercio externo os *leões* peguemos que monopolizam as ruas, ou'tra do dominio de nós todos—e as reclamações dos d'elles bote que querem os trilhos desimpediados para a sua circulação—como o assumpto é de interesse publico, ainda se comprehende.

Mas o que mesmo as mais robustas intelligencias se recusam a comprehender, é que seja licito ao cabo da guarda, ali de qualquer estação policial, sem embargo da mencionada lei, que está ficando prova, e fazendo jorra impopularmente.

Ainda está na memoria de todos e que a semana passada aconteceu com um menino que andava passando no largo do Machado com o seu preceptor—uma lésão logica que não entende pítada da nossa algaravia nacional. Veio o cabo da guarda d'uma estação que la por ahí alguns e prendeu o menino—a pretexto de que era uma mulher disfarçada em homem.

Todo o mundo sabe que quando qualquer falano da policia delta as malhas a alguns, não ha palavras, não ha razões que o desparadaram: é andar para diante e ir até aquellas caspoelas de galinlias que a linguagem official chama com mixta graça—estações de policia.

E' e que fez o pequeno, protestando sempre, com lagrimas, contra o facto.

Interrogado na estação, disse que era, reivindicando as suas fôrças de homem—para o futuro. O cabo increduco com o S. Thomé de fardado, remanecia-se acrobático-sob-palavra. E vai que fez? despit o menino para se certificar.

O resultado foi ver que o menino não era menino. Que o fesse ou que o não fesse, está a saltar aos olhos que não ha desaviso maior. Se hoje os cabos da guarda e os belleguins da policia têm o direito de despir os nossos fillos para se certificar de não meninas, não ha razão para que amanhã os espiões não queiram despir os nossos fillos para apurarem se por acaso não serão rascuns disfarçados. Se as ditas telegraphicas não comprehendem o pudor das nossas crianças, alguma dia virão a faltar-nos no respeito quando tivermos a audácia de sabir á rua com senloças.

O que portm se não acredita é que o Sr. chefe de policia ainda não tenha dado uma satisfação ao publico, premiando segundo os seus meritos o tal mancebado da ordem publica.

Não nutrimos relações com S. E. e, não sei qual é o modo de comprehender o modo de fazer a policia. Finis seus actos publicos, ainda menos se pôde avaliar, porque

vos dois nomes de sua administração ainda não disse ao que é. Vou. Semto succeder de um homem que volta suas extirpções, pelos seus collatérios e pela rapida fôrça movido tres annos a fio, a sua administração tem tido o costume de passar desapercebida—lão nulla é.

Sê, no entanto, é correto para o Sr. Dr. Calmon que os seus jansinos fogam tudo quanto quizerem, será bom que todos os pais de familia se previnam com bons bengalas de casa da India, para fazerem respeitar o pudor dos seus fillos.

Ho de talvez extraordinariamente bellissimas casa palazras. Talvez o sejam. Mas se alem de pagarmos muito caro á policia para nosmos diariamente roubados, ainda tivermos que ver os nossos fillos envergados por ella, não ha remedio temo appellar para o roim, e oppôr ás demandas do cabo da guarda a argumentação do cabo da vassoura.

E esta mesma recolta a applicar em, de boa vontade, a certos ascriptos que andam por ahí distribuido pelos casas de familia uma papoia que dizem por tiora—*Para ser estrangeiro, a estudar*—e por dentro chamam a attenção para um *Resumo MAYANNA*, que vem a ser—*a Graça de Deus*.

Não se pôde—em d'isso—não se deve negar a nenhuma religião, o direito de fazer propaganda. Na pratica, se em tivasas familia de minha responsabilidade e achasse mettido por laizo da porta um prospecto de qualquer religião, desdando muito que o entregaria religiosamente á cozeira para a ajustar a extirpar, não hesitaria, mas nas penungas das galinlias para o jantur.

Mas se em entrasse pela casa dentro, sem se annunciar, como ha dias aconteceu com uma familia, um propagandista religioso que perguntasse ás senhoas de casa:

—A senhora é casada?

Desse modo que o sujeito, se fosse a casa do meu vialhão mactear os productos da sua religião, não se atreveria a repetir a pergunta.

E em bem sei porque.

Em comprehendo ha cousas de que ninguém sabe dar a razão, mas talvez mesmo aquellas que se fazem. Por exemplo, os parnozes dos Conservatorios sobre o famoso drama *Os Lauréados*.

E' inconcebavel que a luminosa invenção do Sr. João Alfredo tem dado desde o seu conceito, as maiores provas de incapacidade litteraria, phomenos apenas notavel por ser ella individualmente escripta de cavalheiros a quem se não pôde negar intelligencia, e bom senso. De facto, ainda nenhuma d'aquelles senhoas creverem em collaboração com o Sr. Vazjejo, ex-dramaturgo, e o que é uma prova de juiz—nem heita em dizer que se significa em inglis, como está em francez, o que depõe muito a favor dos seus conhecimentos linguísticos.

Mas, como um não sahiam apurar os seus parnozes com netas, outros repizam a sua opinião a questão politica, e até ainda têm pido politicos de não ter opinião, acontece que na Bahia, é licenciosa, como houver a nozra peça que no Rio de Janeiro é prohibida com a maior cautela.

A Bahia tem pregado ás provincias suas imita aquellas papoias de allieis admas da appretada.

Tem produzido um sea numero de canallões politicos—sem allano—e do moztros litterarios—sempre sem allano. Tem a sua reputação fôrta como cabeça de comarca da caralida. Tem a sua lamproquetado pretensão a impo—no seu aceto de demão. Tem tudo o mais que lhe quizerem attribuir, mas sem tambem um conservatorio que se atreva a dizer que o que é bom, é bom, e quem não gostar, não goste.

Bahia, lá é um allanoço.

Mas agora que os dois conservatorios estão em antagonismo de opiniões, descejam varias pessoas de boa fé e ainda melhor curiosidade, saber qual dos dois tem razão, litterariamente fallando, se é que o assumpto é litterario. Mesmo para se ver se pôde haver parallelismo entre a canallia bahiana e a tampejo carica.

No fim de tudo quero bñria alo os festeiros da matriz da Gloria, que para fazer sobreavir o seu fogo de artificio foram dependura—no torce da igreja. Nunca os fogueteiros accionem se viram em tanta attura.

Não oppugno de contar inveja nos proprios moztros do morro de Santa Theresa, apesar dos *leões* do Sr. Piliço, que ja tem os *plumas* de ascripto approvados.

Ham... estes meo instinado a crer que não é tão doce que aquelle morro verá em excepção os seus plamas.

No oppugno de contar inveja nos proprios moztros do morro de Santa Theresa, apesar dos *leões* do Sr. Piliço, que ja tem os *plumas* de ascripto approvados.

Ham... estes meo instinado a crer que não é tão doce que aquelle morro verá em excepção os seus plamas.

No oppugno de contar inveja nos proprios moztros do morro de Santa Theresa, apesar dos *leões* do Sr. Piliço, que ja tem os *plumas* de ascripto approvados.

Ham... estes meo instinado a crer que não é tão doce que aquelle morro verá em excepção os seus plamas.

No oppugno de contar inveja nos proprios moztros do morro de Santa Theresa, apesar dos *leões* do Sr. Piliço, que ja tem os *plumas* de ascripto approvados.